

## **Do Maracanazo ao Mineiraten: Um estudo sobre as memórias da imprensa sobre o 7 a 1<sup>1</sup>**

Fábio Aguiar LISBOA <sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

O presente trabalho se propõe a analisar as narrativas da imprensa brasileira sobre a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha em partida válida pela semifinal da Copa do Mundo de 2014, buscando identificar que memórias são acionadas nesta oportunidade. Além disso, se tentará identificar que narrativas deste revés provavelmente se tornarão lembranças que futuramente serão acionadas por jornalistas esportivos quando se falar deste jogo.

**Palavras-chave:** Copa, memória, esporte, imprensa, narrativa.

### **Introdução**

Daqui a alguns anos, quando se escrever e falar sobre a Copa do Mundo de 2014, provavelmente serão inúmeras as histórias contadas. Narrativas que descreverão grandes vitórias, derrotas inesperadas, jogadores brilhantes e a alegria da torcida. O fato é que, quando se falar deste evento, diferentes memórias poderão ser acionadas por diferentes atores, dependendo do contexto no qual os mesmos estiverem inseridos.

Quando se considera especificamente o contexto brasileiro, quando se fizer referência ao Mundial de 2014, uma memória específica tem grande possibilidade de ser acionada de forma preferencial: A derrota de 7 a 1 da seleção brasileira para a Alemanha, em partida válida pela semifinal da competição.

E o presente trabalho se volta justamente para as narrativas produzidas pela imprensa nos dias posteriores a este evento, e no “aniversário” de um ano do mesmo. Desta forma, pretende-se realizar um estudo sobre a atuação da memória em relação a um momento marcante para o futebol brasileiro, identificando as narrativas de episódios do passado acionadas nestas oportunidades, bem como identificar que narrativas desta derrota provavelmente passarão a ser parte das memórias que futuramente serão acionadas quando se falar da derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha na Copa de 2014.

### **Contexto**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Comunicação do PPGCOM-UERJ, email: fabioaguiarlisboa@gmail.com.

A Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil nos meses de junho e julho de 2014, aconteceu em meio a uma grande expectativa, a de que a conquista do título da Copa de 2014 pudesse apagar a frustração causada pelo Maracanazo: A derrota do Brasil para o Uruguai em partida decisiva da Copa de 1950, torneio também realizado em território brasileiro.

No entanto, a vitória sobre a equipe alemã, que daria ao Brasil a esperada vaga para a final da Copa de 2014, não veio, e nos dias posteriores a este episódio a imprensa passou a procurar explicações para a derrota e a começar a elaborar narrativas sobre o revés.

No processo de narrar e buscar explicações para a derrota para a Alemanha a imprensa esportiva faz uso da memória de Copas e seleções do passado. E é a relação da mídia com a memória que será destacada neste estudo. Contudo, antes serão apresentadas algumas ideias sobre a questão da relação do Brasil com o futebol, especificamente sobre a ideia de que o jogador brasileiro possui um determinado estilo de praticar este esporte.

### **Futebol e o “estilo brasileiro”**

Em diferentes oportunidades a imprensa esportiva brasileira identifica o Brasil como o país do futebol. Uma das formas de fazer isto é defendendo a teoria de que existe um determinado estilo de futebol por meio do qual o jogador brasileiro se singulariza (Rodrigues Filho, 1964). Este estilo específico de jogar (que foi nomeado inicialmente como *Foot-ball Mulato* pelo cientista social Gilberto Freyre<sup>3</sup>) é chamado atualmente de futebol arte e tende a ser localizado em atletas e equipes brasileiras do passado.

Segundo Gil (1994), o futebol arte foi se constituindo paulatinamente entre os anos de 1930 e de 1974, tendo seu ápice com a seleção de 1970, que conquistou a Copa do Mundo realizada naquele ano apresentando um estilo de jogo no qual a técnica e a habilidade de seus atletas teriam sido os diferenciais em relação aos adversários.

Este tipo de narrativa, que em muitas oportunidades faz ativar a memória com narrativas de fatos passados, fica mais evidente em competições como a Copa do Mundo.

### **Memória**

---

<sup>3</sup> Freyre cria a nomenclatura *Foot-ball Mulato* em artigo publicado no dia 17 de junho de 1938 no *Diário de Pernambuco* para descrever o estilo de jogo dos atletas brasileiros. Hoje, o que Freyre chamou então de *Foot-ball Mulato*, é chamado de futebol arte.

Para começar a falar sobre memória, categoria central para este trabalho, vai se fazer uso de considerações do historiador francês Jacques Le Goff (1982) quando o mesmo se refere a esta categoria de uma forma genérica, não se limitando apenas a como este conceito aparece no campo das ciências humanas.

Segundo Le Goff, nestas circunstâncias a memória pode ser compreendida como uma capacidade individual, uma “capacidade de conservar certas informações” que aponta para um “conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1982, p. 9).

Contudo, Le Goff (1982, p. 10) afirma que, com o decorrer do tempo, alguns estudiosos aproximam a memória de “fenômenos que fazem parte integrante da esfera das ciências humanas e sociais”. Ele cita, por exemplo, o psicólogo e psiquiatra francês Pierre Janet, que aponta o “comportamento narrativo” como o ato mnemônico fundamental.

Quem também trata da questão da memória é o sociólogo austríaco Michael Pollack. Em conferência<sup>4</sup> na qual aborda a relação da memória com a identidade social, Pollak (1992) diz que três são os elementos constitutivos da memória, seja individual ou coletiva.

Os primeiros destes elementos, segundo Pollak (1992, p. 201), são “os acontecimentos”, tanto os vividos pessoalmente como os que ele chama de “vividos por tabela”. Estes acontecimentos são episódios vivenciados pela comunidade ou pelo grupo ao qual um indivíduo acredita pertencer.

Sobre este segundo tipo de acontecimento Pollak (1992, p. 201) diz: “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”.

Em segundo lugar, o autor afirma que a memória também se constitui por pessoas, personagens:

Também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço tempo da pessoa (POLLAK, 1992, p. 201).

---

<sup>4</sup> Esta conferência, de título Memória, esquecimento, silêncio, foi proferida no ano de 1987 no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), e está publicada em artigo.

Considerando o estudo que é proposto aqui, grandes jogadores do passado como Pelé, Garrincha e Nilton Santos são exemplos de personagens a partir dos quais foram formadas memórias da seleção brasileira no decorrer da história.

Em terceiro lugar Pollak (1992, p. 202) diz que a memória é constituída por lugares que estão “particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”. Neste ponto, o sociólogo austríaco parece fazer menção ao trabalho do historiador francês Pierre Nora sobre a categoria lugares de memória<sup>5</sup>.

Como destacado anteriormente, Le Goff (1982) afirma que o aspecto narrativo da memória, que é evidenciado por alguns estudiosos, a aproxima do campo das ciências humanas. E é justamente uma das perspectivas da memória estudada no campo das ciências humanas que será privilegiada no presente trabalho, a memória coletiva.

### **Memória coletiva**

Retornando à conferência na qual discute a relação da memória com a identidade social, Pollak (1992, p. 201) diz que, “a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. Porém ele cita o trabalho do sociólogo francês Maurice Halbwachs, realizado nos anos 20 e 30 do século passado, para afirmar que “a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

E é justamente o trabalho de Halbwachs que será considerado a partir de agora para se falar sobre a memória coletiva. Para o sociólogo francês, o aspecto coletivo da memória se revela mesmo quando o que está em questão são eventos vividos apenas por um indivíduo. Isto acontece porque cada um carrega consigo contextos sociais nos quais está inserido, contextos estes que são fundamentais na reconstrução da memória:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros

---

<sup>5</sup> A categoria lugares de memória surge no âmbito dos estudos sobre a memória. Elaborada pelo historiador francês Pierre Nora, ela privilegia a dimensão simbólica da história. Assim, o olhar do historiador não se limita ao aspecto material de um objeto de estudo. Porém, como Nora afirma em entrevista concedida à doutora em história Ana Cláudia Fonseca Brefe, é feito um movimento para “libertar a significação simbólica, memorial – portanto abstrata – dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte das vezes não o são” (BREFE, 1999, p. 30).

estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Ainda segundo Halbwachs (2003, p. 39), “para que nossa memória se aproveite da memória dos outros” não é suficiente que contemos com os testemunhos de outros indivíduos. Mas é necessário que as diferentes memórias tenham pontos de contato umas com as outras. Isto permitirá que “a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum”.

Ainda sobre o processo de formação de uma memória coletiva, o sociólogo diz:

Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Outro aspecto destacado pelo sociólogo francês e que evidencia o caráter coletivo da memória tem relação com o processo de recordação. Segundo Halbwachs (2003, p. 66), “os fatos e ideias que mais facilmente recordamos são do terreno comum”, são os compartilhados com outros indivíduos. “Essas lembranças existem para ‘todo o mundo’ nesta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando desejamos”, afirma.

Além disso, no âmbito da memória coletiva ainda será considerada mais uma contribuição de Halbwachs. Ao falar da relação de determinadas memórias individuais com uma memória coletiva específica ele afirma que nem sempre esta mantém uma uniformidade, mas pode haver variação nas lembranças que diferentes indivíduos terão, por exemplo, de um episódio específico: “De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2003, p. 69).

Este último aspecto da memória coletiva permite que seja feita uma relação com a perspectiva de Pollak (1992, p. 203) de que a memória (neste caso ele se refere à individual) é um elemento seletivo, pois “nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Contudo, depois ele diz que esta característica também se revela na memória coletiva:

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada (POLLAK, 1992, p. 204).

Conseqüentemente, Pollak (1992, p. 204) afirma que a memória, seja ela individual ou coletiva, é um fenômeno que passa por modos de construção que “podem tanto ser conscientes como inconscientes”. No caso da memória herdada, ele diz que a mesma pode estabelecer uma relação com o processo de formação de identidades: “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva<sup>6</sup>”.

Posição semelhante sobre a relação entre memória e identidade é apresentada pelo professor de literatura Andreas Huyssen, que afirma: “a rememoração dá forma aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de lembrar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro” (HUYSSSEN, 2000, p. 67).

Até aqui foi destacada a categoria memória e a alguns de seus desdobramentos. A partir de agora se discutirá a relação da memória com a mídia.

### **Mídia, história e memória**

O objetivo aqui é pensar sobre a relação existente entre a mídia e a memória. As pesquisadoras Ana Paula Goulart Ribeiro e Danielle Ramos Brasiliense afirmam que na contemporaneidade os meios de comunicação são “os grandes mediadores entre os sujeitos e o mundo (...). A história do nosso tempo (...) é aquela vivida através dos meios de comunicação” (RIBEIRO E BRASILIENSE, 2007, p. 222).

Este é um fenômeno que é fruto de uma mudança importante no campo historiográfico. O pesquisador Richard Romancini diz que “a constituição da disciplina historiográfica moderna é marcada pelas ideias do chamado paradigma rankeano (do historiador alemão Leopold von Ranke), que no século XIX promove uma ‘cientificização’ da história<sup>7</sup>” (ROMANCINI, 2010, p. 25).

---

<sup>6</sup> Ao se referir a identidades coletivas, Pollak (1992, p. 207) afirma que está “aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência”.

<sup>7</sup> Segundo Burke (2011), a proposta de Ranke, chamada por ele de paradigma tradicional, era apresentar os fatos como aconteceram na realidade. As características deste paradigma tradicional são: A História diz respeito essencialmente à política, é essencialmente uma narrativa de acontecimentos, apresenta a “visão de cima”, no sentido de estar concentrada

Em razão disto, por muito tempo perdurou a percepção de que as narrativas que mereciam ser registradas e contadas pelos profissionais da história eram apenas as que envolviam “grandes personagens e grandes fatos” (geralmente do campo político).

Contudo, no momento atual é possível identificar um movimento diferente no fazer historiográfico. Romancini (2010, p. 26) afirma que se tenta “superar o nível da descrição dos acontecimentos para alcançar uma análise das estruturas, ou seja, a compreensão dos mecanismos que presidem as mudanças históricas”. Além disso, é possível identificar uma ampliação das fontes consideradas válidas e “uma maior problematização sobre a natureza e validade das mesmas em relação às problemáticas”. Outro questionamento importante está na ideia de que “o documento porta uma ‘verdade’, sendo esta atitude substituída por outra, mais ativa em termos de crítica e reflexão frente à documentação coletada”.

A transformação do status do jornalismo no campo histórico acontece em meio a estas mudanças, com fenômenos como a multiplicação de episódios e personagens que passam a receber atenção da atividade histórica, o fim da ideia de que esta é uma atividade exclusiva de alguns “profissionais” e a aceitação de novas fontes.

E é justamente na mudança do status do texto jornalístico que se deseja concentrar aqui. Segundo Ana Paula Goulart Ribeiro, “os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade” (RIBEIRO, 2003, p. 97).

Como consequência, “a história passou a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação de massa que detêm o poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos. O que se passa ao largo da mídia é considerado, pelo conjunto da sociedade, como sem importância”, afirma Ribeiro (2003, p. 97). Com esta mudança de status, a mídia se transforma no “principal lugar de memória e/ou história” do tempo atual.

Um trabalho que exemplifica esta perspectiva é o do pesquisador Sérgio Montero Souto, que, a partir de narrativas apresentadas sobre a performance da seleção brasileira na Copa de 2002 por colunistas esportivos de jornais brasileiros, se propõe a avaliar como estes atores produzem, “usando a força dos jornais para os quais trabalham, um tipo de memória do passado que legitime” uma determinada “representação da seleção brasileira como símbolo da identidade nacional diversa da veiculada pelos que naturalizam o avanço da mercantilização do esporte e ignoram os valores ‘tradicionalistas’” (SOUTO, 2007, p. 300).



Neste estudo Souto (2007) afirma que os colunistas esportivos atuam como guardiões de tradições, “atuando como construtores da memória de uma determinada época, num processo de permanente reelaboração” (SOUTO, 2007, p. 304). Além disso,

é importante registrar que a trajetória da seleção brasileira ao longo dos anos, bem como sua representação, é, em grande medida, forjada pela imprensa. E que esse processo se dá, ora pelo lado do silêncio, ora pelo lado da lembrança de determinados fatos e acontecimentos, que vão sendo construídos, em sintonia com uma visão de mundo, num processo não-estático e dialético. Tanto o esquecimento quanto a lembrança são construções que ajudam a referendar o poder simbólico e real da imprensa na sociedade e, neste caso, dos colunistas em particular (SOUTO, 2007, p. 304).

E é justamente a busca por narrativas que registrem a presença da memória nas matérias publicadas após a derrota de 7 a 1 do Brasil para Alemanha na Copa do Mundo de 2014 que será feita a partir de agora.

### **Procedimentos de pesquisa**

Para a realização deste trabalho serão realizados alguns procedimentos de pesquisa. O primeiro será a leitura atenta dos cadernos de esporte das edições de 9 de julho a 14 de julho de 2014 do jornal *O Globo* e de *Folha de São Paulo*<sup>8</sup>, intervalo de tempo que vai de um dia após a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014 até o dia posterior à final da Copa do Mundo de 2014. A intenção será tentar identificar que memórias são acionadas neste momento para comentar este revés, memórias sobre episódios do passado da seleção, de jogadores brasileiros do passado e da Copa de 1950.

Também serão considerados no estudo os cadernos de esporte de *O Globo* e de *Folha de São Paulo* de 8 de julho de 2015, “aniversário” de um ano do Mineiraten.

Isto será feito com o intuito de testar a hipótese de que a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha está se cristalizando como uma memória da seleção brasileira na Copa de 2014 que perdurará por muito tempo. Também se tentará identificar que usos estão sendo feitos desta memória pela imprensa no espaço de um ano após a realização da partida.

---

<sup>8</sup> A escolha de *O Globo* e de *Folha de São Paulo* se dá porque estes são os dois maiores jornais em circulação do Brasil, segundo pesquisa divulgada em maio de 2015 pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Esta informação está na seguinte matéria: *Circulação dos cinco grandes jornais cresce*. Disponível em <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2015/05/26/Circulacao-dos-cinco-grandes-jornais-.html>>. Acesso em: 13 jul. 2015.



## Narrativas em torno do 7 a 1

O objetivo aqui é o de analisar as memórias acionadas após a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa. Porém, antes serão destacadas as narrativas que de certa forma localizam este revés nas memórias da seleção brasileira. Em sua capa na edição de 9 de julho, um dia após o jogo, *O Globo* qualifica este episódio na sua manchete como “vergonha, vexame, humilhação”<sup>9</sup>. Já no subtítulo desta manchete a publicação localiza este evento da seguinte forma: “seleção sofre em casa a maior derrota de sua história”.

Na mesma publicação, já na sua chamada de capa, o jornal faz as seguintes considerações sobre este evento: “A seleção brasileira viveu ontem o pior vexame de seus cem anos de história. A derrota para a Alemanha por 7 a 1, no Mineirão, foi a mais humilhante desde 21 de julho de 1914, quando jogou pela primeira vez”.

Na capa do caderno especial da Copa de 2014 *O Globo* mantém o mesmo tom. Os redatores da publicação afirmam, de forma irônica, que a equipe brasileira “fez história”, pois sofreu: “A pior derrota em 100 anos; O mais duro revés de um anfitrião de Mundial; A maior goleada em uma semifinal; O fracasso mais contundente de uma campeã”<sup>10</sup>.

A edição de a *Folha de São Paulo* de 9 de julho tem narrativas que seguem na mesma direção. A manchete de capa define o evento da seguinte forma: “Seleção sofre a pior derrota da história”<sup>11</sup>. Ainda na capa esta publicação também define esta como a pior derrota da seleção brasileira: “Pela segunda vez, o Brasil perdeu a chance de tornar-se campeão mundial de futebol em seu país. Se em 1950 o 2 a 1 para o Uruguai teve contornos trágicos, a eliminação de 2014 foi marcada pela humilhação. A seleção conheceu a maior derrota de sua trajetória centenária e o pior revés de um anfitrião de Mundiais”.

A partir destas leituras é possível perceber que as duas publicações desejam localizar a goleada de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil como a maior derrota da seleção brasileira em sua história. Para fazer esta afirmação os jornalistas fazem uso da memória, pois mencionam a marca de 100 anos de história da seleção brasileira, alcançada no dia 21 de julho, para apontarem este revés como o principal da trajetória do time brasileira.

Uma expressão usada de forma irônica por *O Globo* e que deve ser avaliada com atenção é a de que o Brasil “fez história”. Esta expressão comumente usada em matérias jornalísticas quando se deseja destacar que um atleta alcançou um feito notável aparece aqui

---

<sup>9</sup> *O Globo*, 9 jul. 2014, p.1

<sup>10</sup> *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.1.

<sup>11</sup> *Folha de São Paulo*, 9 jul. 2014, p.1.

como a indicação de que este episódio se tornará uma memória recorrente quando se falar da participação da seleção brasileira na Copa de 2014.

Por fim também é importante salientar que, ao tentar localizar este episódio na história da seleção, a imprensa esportiva se vale de vários indicadores sobre a equipe, como a de que este foi o pior revés de um anfitrião de Copa, que foi a maior goleada de uma semifinal de Mundial e que esta foi a derrotada mais contundente de uma campeã que já conquistou um título mundial.

### **Um novo Maracanazo?**

Uma das memórias mais ativas após a derrota do Brasil para a Alemanha foi a da derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa de 1950. Durante as narrativas da imprensa brasileira após a derrota na Copa de 2014 vários foram os usos das memórias relacionadas ao revés da seleção brasileira no primeiro Mundial realizado em sua casa.

Na *Folha de São Paulo* esta memória aparece logo na capa da edição do dia 9 de julho. Segundo o periódico, a derrota para a Alemanha fez o Brasil reviver o “trauma de 1950 como anfitrião”<sup>12</sup>. Já em texto do caderno especial sobre a Copa do Mundo é dito que com este revés o Brasil perdeu a chance de superar o que chamou de “vexame de 1950”.

Porém é em *O Globo* que esta ideia aparece com maior força. Na capa do caderno especial sobre a Copa, no subtítulo, aparece, após inúmeras afirmações que tentavam definir a derrota para a Alemanha, a seguinte sentença: “Os jogadores de 1950 estão redimidos”<sup>13</sup>.

Com esta declaração, o jornal estabelece um caminho narrativo no qual se propõe a dar um novo significado à derrota de 1950, como fica evidente no texto, carregado de um tom emocional, sobre o jogo de 2014:

O barulho do silêncio, que ecoou no Maracanã depois da derrota de 1950, soava inexplicável para quem não testemunhou aquela jornada, até que a explosão de gols da Alemanha trouxe um vazio apaziguador no Mineirão. Depois de quase sete décadas condenadas ao limbo, as almas dos vice-campeões se libertaram. Ao longo dos 90 minutos em que as ilusões do hexa se espatifaram contra o muro da realidade, a tragédia de 1950 se transformou definitivamente numa derrota honrosa<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> *Folha de São Paulo*, 9 jul. 2014, p.1.

<sup>13</sup> *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.1.

<sup>14</sup> *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.4.

Em outra matéria, que deveria ser apenas de caráter informativo, aparece outra afirmação que sinaliza que a derrota de 2014 estaria mudando o status da derrota de 1950 e dos jogadores que participaram dela: “Barbosa<sup>15</sup>, afinal, pode descansar em paz. O futebol brasileiro tem vexame maior para velar”<sup>16</sup>.

Essa ideia também marca presença em uma das colunas esportivas de *O Globo*, a que é assinada por Fernando Calazans. Segundo Calazans, o Brasil assistia no Mundial de 2014 à maior tragédia da história da seleção brasileira:

O futebol brasileiro pentacampeão do mundo, os donos dos cinco títulos – jogadores, técnicos, torcedores de todas as épocas – não mereciam isso. Não mereciam saber disso, muito menos ver isso, presenciar isso, assistir a isso. Não mereciam passar por essa vergonha, essa tragédia – e, vou dizendo logo, uma tragédia maior, muito maior, do que a vivida no Maracanã, na Copa de 1950, quando perdemos o título para o Uruguai, por 2 a 1<sup>17</sup>.

Contudo, as narrativas dos profissionais da imprensa esportiva não se limitaram a apenas noticiar o episódio. Nos textos é possível perceber que os jornalistas brasileiros expressaram a expectativa de que o 7 a 1 será uma memória que perdurará na história da seleção brasileira quando se falar da Copa de 2014.

No jornal *O Globo* de 9 de julho, por exemplo, Fernando Calazans afirma que “esse jogo, essa derrota, essa goleada histórica tem que ser guardada na memória, para marcar o início de uma era de total reformulação”<sup>18</sup>. O colunista retorna ao assunto um dia após o final da Copa do Mundo, 14 de julho, e faz a seguinte previsão: “Os 7 a 1 existiram e, pior, continuarão existindo por muito tempo”<sup>19</sup>.

Quem também expressa uma opinião neste sentido é outro colunista de *O Globo*, Luis Fernando Verissimo em coluna de 11 de julho: “No futuro, quando mentes mais frescas do que as nossas tentarem racionalizar o que houve, só conseguirão repetir nossa perplexidade, e assim será por todos os tempos. Alemanha 7, Brasil 1 não foi um jogo de futebol (...) é um pesadelo do qual estamos tentando acordar”<sup>20</sup>. Já em coluna de 13 de julho Verissimo vaticina: “Nunca houve um resultado tão esdrúxulo na história das Copas. E nós jamais o esqueceremos (...) sempre que pensarmos nessa Copa pensaremos no 7 a 1”<sup>21</sup>.

---

<sup>15</sup> Este comentário faz menção ao goleiro da seleção brasileira na Copa de 1950, Barbosa, que é apontado como um dos principais responsáveis pela derrota do Brasil para o Uruguai na final da competição ao ter cometido falhas.

<sup>16</sup> *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.6.

<sup>17</sup> *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.2.

<sup>18</sup> *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.2.

<sup>19</sup> *O Globo*, 14 jul. 2014. Copa 2014, p.2.

<sup>20</sup> *O Globo*, 11 jul. 2014. Copa 2014, p.12.

<sup>21</sup> *O Globo*, 13 jul. 2014. Copa 2014, p.12.

## Um ano após o Mineiraten

No dia 8 de julho de 2015 se alcançou a marca do primeiro ano desde a goleada de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil na Copa de 2014. Nesta data este evento recebeu amplo destaque dos meios de comunicação. Um exemplo foi a *Folha de São Paulo*. Nesta data, a publicação paulista apresenta em seu caderno de esportes uma série de reportagens sobre o 7 a 1. A primeira delas afirma ter o intuito de apresentar “os bastidores de uma tragédia”<sup>22</sup>, para isto apresenta relatos de fontes que teriam acesso ao vestiário da equipe brasileira. Entre estes relatos se destaca um: “relatos de quem frequentava o vestiário da seleção brasileira há mais de uma década dizem que nunca se viu um clima tão ruim e um silêncio mais latente do que o daquele dia”, após a derrota para a Alemanha.

Porém, são nos espaços destinados aos colunistas esportivos do jornal que se encontram as representações mais ricas sobre a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha.

Em texto de título “Um ano depois do vexame, está 10 a 1 para a Alemanha”<sup>23</sup> Juca Kfoury afirma que “parece que foi ontem” que a derrota para a Alemanha aconteceu, fato este, que, segundo ele, “jamais será esquecido”, declaração que mostra a força desta memória. Com o intuito de dimensionar, localizar, enquadrar a memória desta derrota dentro da história do futebol brasileiro, o jornalista cita a derrota de 2 a 1 do Brasil para o Uruguai no Mundial de 50: “Não como o luto de 1950, mas como o vexame de 2014”.

A memória do 7 a 1 leva outro cronista esportivo da *Folha de São Paulo* a fazer uma avaliação crítica, Tostão. No texto de título “Um ano perdido”<sup>24</sup> ele diz: “Passado um ano do vexame, o futebol brasileiro está no mesmo lugar, sem identidade, perdido”. Contudo, antes desta afirmação ele critica os dirigentes do futebol brasileiro por não darem a importância devida a uma tragédia que ainda ecoa:

“Para assimilar, conviver bem e renascer após uma tragédia, sem esquecê-la, é necessário, durante um tempo variável, refletir, vivenciar, com tristeza, a perda, o luto. A CBF, com a maioria dos treinadores brasileiros, fez o contrário, ao negar, ao não dar importância ao 7 a 1, como se fosse apenas um apagão”.

Quem opta por um caminho diferente é o jornalista Paulo Vinícius Coelho, o PVC . Ele se propõe a apresentar a “autópsia de um vexame” . O argumento central do texto é o de

---

<sup>22</sup> *Folha de São Paulo*, 8 jul. 2015. Esporte, p. B7.

<sup>23</sup> *Folha de São Paulo*, 8 jul. 2015. Esporte, p. B7.

<sup>24</sup> *Folha de São Paulo*, 8 jul. 2015. Esporte, p. B10.

que é necessário fazer o diagnóstico exato de um male para que se encontre a cura do mesmo. No caso, o autor deseja apresentar o diagnóstico para o “maior vexame” da história do Brasil, e para o qual até hoje se busca a explicação.

No mesmo dia, o jornal *O Globo* publicou uma página inteira no seu caderno de esportes para recordar a derrota de 7 a 1 para a Alemanha na Copa de 2014. Porém, as publicações sobre esta partida não se limitaram a esta edição. Entre os dias 5 e 9 de julho este episódio foi alvo da atenção do diário carioca, que, inclusive, criou uma retranca especial para estas matérias: “Alemanha 7 x 1 Brasil, um ano depois”<sup>25</sup>.

Contudo, o presente trabalho vai se ater à matéria publicada no dia 8 de julho, que tem o sugestivo título: “7 pecados capitais, a cada gol da Alemanha, uma explicação para o maior vexame da história do futebol brasileiro”<sup>26</sup>.

No texto, o jornalista Lauro Neto diz que ter escutado com “ex-jogadores, técnicos, dirigentes, comentaristas esportivos, psicólogos e acadêmicos” com a intenção de apresentar formas de resgatar o futebol brasileiro dos sete pecados capitais:

“Transformar a gula, em fome de bola; a preguiça, na garra de correr em campo; a inveja, que sentimos de alemães, argentinos, chilenos e até paraguaios, em trabalho; a ira, no jogo limpo; a luxúria das festas mesmo após as derrotas, em comemorações por taças erguidas; a ganância por salários estratosféricos, na ambição de vencer em campo; a soberba de achar que somos os melhores do mundo, na humildade de que temos muito que aprender e evoluir”.

Como se pode perceber, a partir dos textos observados aqui, a memória do 7 a 1 para a Alemanha ainda reverbera com força nas narrativas da imprensa brasileira.

### **Considerações finais**

A primeira consideração a ser feita ao final deste trabalho é a de que é possível constatar após a análise dos textos apresentados que a memória da derrota do Brasil para a Alemanha passa por um processo de cristalização na memória da imprensa brasileira. Mesmo um ano após o revés, ele continua a ser assunto entre os jornalistas esportivos.

---

<sup>25</sup> A primeira matéria da série, publicada no dia 5 de julho, se propõe a apresentar um perfil de sete culpados (entre jogadores e membros da comissão técnica) pela derrota do Brasil para a Alemanha. A segunda matéria, publicada em 6 de julho, é uma entrevista com o coordenador técnico da seleção brasileira na Copa de 2014, Carlos Alberto Parreira. No dia 7 de julho, o jornal publica as memórias do técnico da seleção da Alemanha, Joachim Löw, sobre o jogo em questão. Por fim, no dia 9 de julho, *O Globo* publica uma matéria na qual expressa o temor de que ao constatar que a seleção não melhorou nada um ano após o 7 a 1 ela venha a enfrentar dificuldades nas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2018, inclusive correndo o risco de ficar, pela primeira vez, fora de uma edição do Mundial.

<sup>26</sup> *O Globo*, 8 jul. 2015. Esportes, p.28.

Em segundo lugar, deve-se destacar a forma como o 7 a 1 é categorizado pela imprensa. A ideia apresentada um dia após o jogo de que o mesmo foi uma vergonha, uma tragédia, uma humilhação e a principal derrota da história da seleção brasileira é a que permanece cristalizada na memória da imprensa um ano depois.

Também é curioso perceber como as narrativas em torno do revés de 2014 muda o entendimento sobre a derrota do Brasil em 50, fica-se com a impressão de que o Maracanazo não é mais a principal tragédia do futebol brasileiro, mas sim o Mineiratzen.

Por fim deve-se destacar o uso feito da memória do 7 a 1 um ano depois do evento. Em 2015 há um entendimento de que o futebol brasileiro vive uma crise (seja no aspecto esportivo, administrativo ou político), e este revés seria um exemplo claro desta crise.

Desta forma, chega-se ao final deste trabalho com a impressão de que as pesquisas em torno das narrativas do 7 a 1 se mostram como um rico campo de trabalho, pois parecem ser variadas as formas como as memórias sobre este evento são, e ainda podem ser, usadas.

## Referências

- BARROS, José D'Assunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço, **Mouseion**. Canoas, v. 3, n.5, p. 35-67, Janeiro/Julho 2009.
- BRASIL 1 x 7 Alemanha – E a seleção fez história. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. 1.
- BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Pierre Nora, ou o Historiador da Memória (entrevista). **História Social**. Campinas, 1999, p. 13-33.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da estória: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CALAZANS, Fernando. Alemanha, sangue e lágrimas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 jul. 2014. Copa 2014, p. 2.
- \_\_\_\_\_. Uma única saída: ressuscitar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.2.
- COELHO, Paulo Vinícius. Autópsia de um vexame – Não dá para simplificar o 7 a 1; vitória histórica da Alemanha aconteceu por vários fatores. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 jul. 2015. Esporte, p. B8.
- FREYRE, Gilberto. Foot-ball Mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 junho de 1938, p. 4.
- GIL, Gilson. O drama do futebol-arte: o debate sobre a seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 25, p. 100-109, Junho 1994.
- GUEIROS, Pedro Motta. Duro golpe 64 anos depois – Em escombros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 jul. 2014. Copa 2014, p. 4.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- NETO, Lauro. 7 pecados capitais – A cada gol da Alemanha, uma explicação para o maior vexame da história do futebol. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 jul. 2015. Esportes, p. 28.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.
- ITRI, Bernardo; RIZZO, Marcel. Por dentro da derrota – No 1º aniversário da queda por 7 a 1 diante da Alemanha na Copa, saiba os bastidores da tragédia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 jul. 2015. Esporte, p. B7.
- KFOURI, Juca. Um ano depois do vexame, está 10 a 1 para a Alemanha. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 jul. 2015. Esporte, p. B7.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- \_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BRASILIENSE, Danielle Ramos. **Memória e narrativa jornalística**. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). *Mídia e memória: a produção dos sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 219 - 235.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A mídia e o lugar da história**. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Org.). *Mídia, memória & celebridades*. Rio de Janeiro: E-papers, 2003. p. 189 - 205.
- RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 2. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- ROMANCINI, Richard. **História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 23 - 47.
- SOUTO, Sérgio Montero. **Colunistas em campo pela tradição: as memórias da seleção brasileira na Copa de 2002**. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). *Mídia e memória: a produção dos sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 297 - 317.
- TOSTÃO. Um ano perdido. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 jul. 2015. Esporte, p. B10.
- SELEÇÃO sofre a pior derrota da história. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 jul. 2014, p. 1.
- VERGONHA, vexame, humilhação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 jul. 2014, p. 1.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. Injustiça. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 jul. 2014. Copa 2014, p. 12.
- \_\_\_\_\_. Foi pena. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 jul. 2014. Copa 2014, p. 12.